

KUPFER, D. Meio copo ou meia tigela? *Valor Econômico*, Rio de Janeiro, 09/12/2019.

Meio Copo ou Meia Tigela?

09/12/2019

Se nunca foi muito fácil interpretar os indicadores econômicos brasileiros, nos anos recentes a tarefa vem se tornando ainda mais difícil. Essa percepção pode ser atribuída a duas origens principais. Em primeiro lugar, reflete um problema substantivo, concreto que é o aumento da instabilidade e da volatilidade do desempenho da economia nos últimos anos. Em segundo lugar, acumulam-se as distorções introduzidas por regras metodológicas de mensuração das variáveis que, mesmo que aplicadas com toda a transparência e legitimidade, requerem dos analistas filtragens minuciosas para que não se quebrem as séries históricas, especialmente quando se referem a eventos não recorrentes.

Exemplo cabal é trazido pelas regras de contabilização do valor das plataformas de exploração de petróleo que, por motivos legais, são tratadas como uma exportação. Com isso, dado o seu elevadíssimo valor unitário, interferem pesadamente nos cálculos das transações correntes e da formação bruta de capital, especialmente nas séries de alta frequência.

Para complicar, muitos analistas têm optado por interpretações dos dados que abrem espaço para mais incorreções, como tem sido o caso dos números do PIB baseados no Sistema de Contas Trimestrais. Primeiramente, as contas trimestrais realizam uma primeira estimativa do PIB, e não uma apuração contábil que mensura o valor do fluxo total de bens e serviços que são criados em espaço econômico a cada unidade de tempo.

Sendo uma estimativa, um indicador antecedente, cabe ter claro os seus limites de precisão. O fato é que o cálculo do PIB é um processo de aproximação sucessivas que só chega a um valor final e definitivo dois anos após a data de referência, cumprida uma longa sequência de tarefas estatísticas de revisão a partir da inclusão de novos dados.

No entanto, não se sabe se por mera ansiedade em ver a estagnação superada ou por interesses concretos dos que tentam comandar o jogo de formação de opinião econômica no Brasil, está se tratando os números das contas trimestrais, que nada mais são do que uma primeira proxy do PIB, divulgada dois meses após a data de referência, como se fosse um indicador preciso da variação do

valor adicionado na produção.

Por isso, inferir sinais positivos do fato de que a taxa de crescimento do 3º. Trimestre de 2019, divulgada no início desse mês pelo IBGE, ter sido de 0,6% ante uma expectativa dos agentes de 0,4% não parece justificável. Para o leitor interessado no que a frieza dos números está falando, fica a dica. Quanto mais o analista valoriza esses 0,2 pontos percentuais, menos ele respeita os limites de precisão dos números com que está lidando e mais ele revela a sua ansiedade ou o seu interesse em criar uma ilusão de confiança na retomada.

Mesmo as estatísticas conjunturais precisam ser colocadas em contexto histórico adequado, muito mais longos do que o mês anterior, o mesmo mês de ano anterior ou o acumulado dos últimos 12 meses. Ao invés de buscar extrair leite de pedra, melhor é dedicar o tempo a buscar outros indicadores que permitam extrair conclusões mais robustas.

No que se segue, apresenta-se o resultado de um exercício muito simples, talvez simplório, com base nos dados da Pesquisa Industrial Mensal (PIM), também do IBGE, com ajuste sazonal, referentes a outubro de 2019 e que foram divulgados na última quarta-feira. A PIM é parte importante das fontes utilizadas pelas contas trimestrais. Com uma evolução positiva de 0,8% em relação a setembro, a pesquisa, ao mostrar o melhor mês de outubro desde 2012 nessa base de comparação, foi amplamente interpretada com mais um indício do fôlego da retomada que se avizinha.

No exercício buscou-se verificar quantos vezes os 26 setores industriais que são acompanhados pela PIM conseguiram se manter em expansão por mais de 3 meses consecutivos durante os últimos cinco anos, iniciados em novembro de 2014 - que coincide com o início da recessão econômica brasileira - e encerrados em outubro de 2019. Constatou-se um total de apenas 30 ocorrências dessa situação, cujo detalhamento vale enumerar: 4 ocorrências na Indústria Extrativa; e na Têxtil, 3 ocorrências em Combustíveis; e Informática, 2 ocorrências em Bebidas; Fumo; Madeira; Borracha e Plástico; Minerais Não-Metálicos; e Produtos Diversos e 1 ocorrência em Produtos Alimentícios, Couros e Calçados; Celulose e Papel; e Produtos de Limpeza e Higiene Pessoal.

Nos demais 12 setores, que incluem, dentre outros, Farmacêuticos; Metalurgia; Produtos de Metal; Máquinas e Materiais Elétricos; Máquinas e Equipamentos; Veículos; e Outros Equipamentos de Transporte não houve nenhuma ocorrência de crescimento por mais de três meses consecutivos nesses cinco anos.

Em síntese, simplesmente na maior parte do tempo os diferentes setores industriais estão se

revezando no desempenho, oscilando em torno de um nível de produção, sem apresentar qualquer tendência definida. A cada novo mês, a gangorra sobe e desce, mas os ocupantes das partes altas e baixas mudam de perfil.

Como é possível extrair prognósticos tão cabalmente favoráveis de um quadro com essa característica tão marcada de estagnação? Senão vejamos: um dos setores que puxou o PIB no 3º Trimestre foi a indústria extrativa. Pois bem: a PIM já mostra que houve um recuo de 1,1% nesse ramo de atividade em outubro.

Dentre as metáforas mais pisadas e repisadas para sintetizar o atual momento econômico brasileiro que, por isso mesmo, dispensa esclarecimentos, está a do “copo meio cheio, meio vazio”. Nessa metáfora furada, o equívoco está no recipiente. Não é copo. É tigela. Trata-se de uma economia de meia tigela. Infelizmente, os números do PIB não fornecem qualquer evidência de que se esteja no caminho certo.

Feliz ano velho para todos nós.